

15.07.21
→ 22h00

T

A

G

V



POESIA

declAMAR Poesia

Poemas Quentes (do Estio, Estivais e Ardentes)

O coletivo declAMAR Poesia é composto por cinco elementos (Vanda Ecm, Olga Coval, Catarina Matos, Lurdes Telmo e Rui Amado) que têm em comum o gosto pela poesia e decidiram começar a fazer leituras partilhadas, num ambiente intimista, criando assim um espaço informal de encontro com pessoas de gostos afins.

Curadoria e leitura dirigida, Catarina Matos, Lurdes Telmo, Olga Coval, Rui Amado, Vanda Ecm
Coordenação TAGV Luísa Lopes, Marisa Santos

Local Café TAGV **Duração** aprox. 1h30 leitura dos poemas selecionados + microfone aberto todos os públicos

I **VANDA ECM (Aniversário – Margarida Vale de Gato)**

Há tanto tempo eu
trazia um vestido curto nós
subíamos as escadas eu
à frente sem reparar deixava
as pernas ao desamparo do teu
agrado, tínhamos bebido ao meu
futuro e era uma fuga o teu
presente um disco que me deste
reluzia em semi-círculo e a nós
excitava seriamente escapar eu
fazia vinte anos tu
relanceavas-me as pernas eu
abandonava a adolescência
nem olhara para trás tu
miravas-me as pernas de trás. Nós
subíamos ao telhado eu
trazia um vestido curto nós
estávamos tristes creio tu
fingias-te um sátiro e nós
subíamos ao alto desarmados .
O tambor do sol batia
nos olhos que a luz e o álcool e a luz
e o álcool diminuía
e os brancos raiavam o solstício
incandescentes eu
fazia vinte anos tu
tinhas-me dado uma música eu
rodava-a na mão e o sol
girava no gume do metal eu
de vestido curto descrevia
um círculo de desejos nós
estávamos tristes creio nós
tínhamos subido e a crista
das telhas beliscava na pele
petéquias de luz e tu
ao disco do sol dançavas e eu
de olhos cegos espiava fazia calor nós
tínhamos bebido e tínhamos calor eu
já tinha vinte anos nós
éramos o grande amor.

OLGA COVAL (Mês 7 – Rosa Oliveira)

o verão com todas as suas garras
entra pelas janelas
instala-se nas casas
senta-se em todos os sofás
estira-se

come à nossa mesa
por veze estremece
fecha os olhos
sorve o palmilhar árido
pousa a cabeça
a mão pensativando
no cotovelo
olha o infinito

o verão é uma mulher
a caminhar na areia
os pés na água turva
essa dificuldade em soletrar

CATARINA MATOS (Esse Verão – Jorge Sousa Braga)

Vinha meio nu
Trazia uma cesta de vime cheia de amoras
que colhera nas margens do rio
Passara a tarde toda de silvado em silvado
Na sua mão direita um pequeno arranhão
— Tão quente tão quente
esse verão

**LURDES TELMO (Como quem num dia de verão abre a porta de casa
– Alberto Caeiro/Fernando Pessoa)**

Como quem num dia de Verão abre a porta de casa
E espreita para o calor dos campos com a cara toda,
Às vezes, de repente, bate-me a Natureza de chapa
Na cara dos meus sentidos,
E eu fico confuso, perturbado, querendo perceber
Não sei bem como nem o quê...

Mas quem me mandou a mim querer perceber?
Quem me disse que havia que perceber?

Quando o Verão me passa pela cara
A mão leve e quente da sua brisa,
Só tenho que sentir agrado porque é brisa
Ou que sentir desagrado porque é quente,
E de qualquer maneira que eu o sinta,
Assim, porque assim o sinto, é que é meu dever senti-lo...

RUI AMADO (Azul – Levi Condinho)

Este azul marinho ao fim da tarde
espresso azul de que apetece devorar o interior
a partir de cima
penetrando nesse eterno enigma
este azul visitado pelos raios de um sol
impávido e regular de Verão ao sul
este azul balanceado por exíguos ventos
ar de películas que mais são carícias
membranas leves sementes de pinheiro
este azul comungando um Mozart
de Festa entre apartes de ironia triste
azul bem da minha vida
azul que aos meus olhos poderia ter acedido
como hóspede a tempo inteiro
caso eles por inteiro o merecessem
azul Pousão Duffy Bonnard Matisse Menez ou Rothko
azul por Fra Angelico roubado a este mar
para mantos de anjos e virgens
azul a quem suplico humilde
a bênção na hora da minha morte
(na hora de todas as mortes)
azul para a cor do coração
fechado entre mãos como quem reza devagar.

II

VANDA ECM (Noite de Verão – Manuel da Fonseca)

Quando é no Verão das noites claras e faz
calor dentro da gente...
aquela menina casadoira, que mora junto
ao largo, vem à varanda ver a Lua.
Roçando o corpo, devagar, descem por ela as
mãos da noite:
sente-se nua.
Sente-se nua, na varanda, já
tão senhora do seu destino, sem medo às
estrelas nem às mãos da noite
— mas baixa os olhos se algum homem passa...

OLGA COVAL (Sem título – Al Berto)

envolver-me na mais obscura solidão das searas e gemer
amassar com os dentes uma morte íntima
durante a sonolência balbuciante das papoulas
prolongar a vida deste verão até ao mais próximo verão
para que os corpos tenham tempo de amadurecer

colher em teu sexo o sumo espesso
e no calor molhado da noite seduzir as luas

o riso dos jovens pastores desprevenidos...as bocas
do gado triturando o restolho....as correrias inesperadas
das aves rasteiras

e crescerei das fecundas terras ou da morte

que sufoca o cio da boca

subirei com a fala ao cimo do teu corpo ausente

transmitir-lhe-ei o opiáceo amor das estações quentes.

CATARINA MATOS (Sem Título – Raquel Serejo Martins)

O teu sexo nas minhas mãos

agitado como um pássaro.

Os meus seios nas tuas mãos

como barro na roda de um oleiro.

E o teu cheiro.

As tuas mãos de costureiro.

Os talheres do meu faqueiro.

O teu sexo na minha boca

a inchar como um sapo.

Os meus pés na tua boca,

peixes a estrebuchar apanhados à linha,

moinho de vento do grão a fazer farinha.

A minha saia que adivinha.

As tuas calças que adivinham

e a utilidade de uma mesa de cozinha.

O teu sexo contra mim

com uma textura polida de pedra,

como se houvesse ternura nas pedras,

e pedra contra pedra cada corpo medra,

pedras milenares, pedras das cavernas,

pedras entre as minhas pernas,

a descobrir o fogo pela milésima vez.

E estou na cozinha, estou na cama.

Estou na savana africana,

estou numa vinha toscana,

numa montanha tibetana,

numa mina lituana,

numa estrada palestina.

Estou numa ilha grega

e oiço sinos, sem louvor, tocar a incêndio.

Vim de Oriente e vim de Ocidente.

Perdi uma dor num dente.

Perdi um dente do pente.

Perdi um filho no ventre.

Foi tudo tão rápido. Foi tudo tão lento.

Estive por instantes mas estive para sempre.

LURDES TELMO (Indícios de Verão – João José Cochofel)

O calor e a luz destes dias
entram em mim,
dilatam-me a alma
- enchem-me de alegria.
No meu espírito
as ideias já não vacilam
como nos dias pardos
da chuvinha miúda.
Tudo se envolve de certezas que não são;
já não há o desespero
cheio de desconhecido,
das horas ocas
a pensar a um canto.
Há a melancolia fecunda
dos crepúsculos quentes.
Como hei-de eu ter saudades disto!
Nos dias de Inverno
em que à luz de um sol frio
todas as certezas da vida
me ferem cruelmente,
alfinetando-me
alfinetando-me sempre;
ou então:
o tal desespero passivo,
a tal chuvinha miúda:
a roerem-me a alma
a moerem-me
como pauladas.

RUI AMADO (À Flor do Fogo – zetho Cunha Gonçalves)

Bate o desejo suas lentas águas fundas,
e desata sobre nós: seus laços vivos – sôfregas: suas teias,
traçadas de relâmpagos. Digo:
aqui tens o colo que te dou.
E tu alongas o teu corpo em oferenda pelo chão:
o olhar pundonoroso que súbito trespassa,
implode – aferindo o rumor tocado
pelo ar – ao alto e em redor.
E eu revolvo os teus cabelos sentados no meu colo,
como quem prescruta um rio desde a infância,
e agora plantasse horizontes no teu rosto.

- Fecha os teus olhos, meu amor,
fecha os teus olhos, e abre – perfeita –
a lentíssima nudez – em flor
e fruto,
dançada.

As mãos devoram as mãos – devoram
suas marcas, seus ofícios: alimentam-se
do refazer esculpido e trabalhado dos corpos,
do estremecimento abrupto dos sentidos.

As línguas iluminam o sal dulcíssimo da pele:
Como relâmpagos navegando
alucinados - procuram:
a secreta e nocturna flor do fogo.
E o ar perfuma-se de nós
como um bosque das suas árvores atentas.

E passam beijos que se demoram – sexo a sexo:
a respiração crepita num tremor jubiloso.
E todo o chão é lençol e mar – e dentro de ti,
eu te me dou inteiro
- oh meu amor
acabado de nascer!

III

VANDA ECM (Efeito Sylvia Plath – Francisca Camelo)

o efeito sylvia plath

não é todos os dias
que se decide meter
a cabeça no forno
não é todos os dias
que se escrevem poemas
de prata
não é todos os dias que decido
quase dizer que
quase te amo
pedindo a conta
a tempo certo de fugir
és como eu um inadaptado
e ver-te assim
tão capaz de sobreviver
ao mistério da solidão
faz com que me sinta
cada vez menos acompanhada
por isso a senhora que
fez perguntas na estação
me perdoe, eu não entendo nada
da linha de comboios do alto-minho
preocupa-me mais saber
até quando é justa a minha espera
e se foi justa
a tua desistência da espera de mim
pergunto-me também
se seremos capazes de guardar

o que construímos
como os pedaços de muralha
que sobrevivem às invasões
e pilhagens
se os arquitectos
das cidades futuras
conseguirão ler
as linhas da nossa aldeia
para além do significado óbvio
que elas tiveram e dos nomes
das ruas que discretamente assumiam
amores nunca noticiados
e quem sabe esses arquitectos
serão os nossos filhos
os meus que não serão teus
os teus que não serão meus
mas de outros franceses
cuja colonização
valha talvez a pena
e ainda assim saberemos
guardar o altar
do lado esquerdo de quem
entra na catedral
para que muitos séculos depois
e pelo menos três invasões mais tarde
possamos destruir o cimento
que o cobriu
a tempo de ver a prata ao sol
pelo menos uma última vez
e por isso a senhora que pede
indicações sobre a estação seguinte

que me perdoe
não só sou ignorante
quanto às linhas de comboios
do alto-minho
como dei por mim distraída
imaginando a temperatura
mais acertada
do forno.

OLGA COVAL (Amar – A. M. Pires Cabral)

Amar foi durante muito tempo
gravar iniciais adolescentes,
no fuste das tílias.

Era então uma espécie
de idade de ouro do amor.

Mas tive de aprender à minha custa
que amar pode ser tão envolvente
como um polvo:
ama-se em muitas frentes.

Aprendi que amar, entre outras coisas,
é também navegar as águas da noite
adultamente
sem bússola e sem cautelas,
à proa fugidia dum batel.

E que, em casos mais desesperados,
é ir aos trambolhões de mar em mar.
Tumultuosamente. Sem ser correspondido.
E em chamas, se preciso for.

CATARINA MATOS (Do Verão – Maria do Rosário Pedreira)

Do verão, diria uma planície lenta, quase amarela: o trigo
a enrolar-se nos pés, o oiro do sol, os cabelos
mais loiros. Um vento quente e ondulante sibilando
nas frestas de um celeiro. O fumo sonolento do calor
tornando informe o fio do horizonte. Do verão

diria também um tempo espesso onde todos
os acasos são sofríveis: duas papoilas, vermelho-sangue,
agitam a paisagem. Tu chegas e a minha pele chama-te
sete nomes em surdina. É a luz da tarde que faz o fulgor
dos fenos e aquece a roupa que abandonou o corpo
sem perguntas. As mãos podem então dar-se
todos os recados. E amanhã ninguém sabe. Fica

apenas um punhado de espigas quebradas sobre a planície
lenta; amarela, digo: as papoilas, entretanto, voaram.

LURDES TELMO (Sem Título – Herberto Helder)

Girassóis percorrem o dia fotosférico,
demorado. Mergulham devagar o peso até ao coração
unido. Pétalas e pálpebras, soletrou-as
conjugalmente
o ouro. Acolhe-os a côncava casa
do sono. Rodaram como bilhas ou amonites ou ancas
pálidas – ao sopro e número
do fogo. Passou a onda abaladora.
e fecham agora os olhos sobre a deslumbrante
chaga das núpcias.

Alto e baixo, pai e filha, ouro e imagem,
transmutaram-se numa só massa exaltada.

- A carne redonda que se fecha
Na sua casa madura.

RUI AMADO (A Força das Coisas– Ruy Belo)

Passeio sob a sombra de mulheres frondosas
de uma infinitésima memória
Restam-me os limões doces da síria
já que me falta deus ó alpedrinha
ou súbito desejo de ficar na noite
dormindo o sono íntimo da terra
Foi-se o milagre das fontes pelo estio
e não sei que fazer das favas novas
pois abril é um mês que não conheço
Não mereço o barco encalhado de abidjan
após o nascer público do sol
sobre o ramo do cardo emblema da traição
Calmo com um pôr-do-sol vermelho
encerro a cerimónia quotidiana
Quantos fatos vesti quantos despi
nas ruas devassadas por domingos
perante a áspera censura do mar
ou a grande catástrofe do meio-dia
assinalando a morte da manhã
Não terei mesmo um céu sem privilégios
tão previsível como uma recordação
a arte embaladora das palavras
Eis que está próximo o funesto inverno
é o tempo de tudo abandonar
a começar no lençol branco destes dias
Os mortos nem dos vivos se alimentam
é essa a única verdade útil
tão deslumbrante como um grande vento natural
A vida é cada dia mais difícil de lidar
e um velho poeta refugia-se nas tábuas
A mim mulheres frondosas nulo mar

IV

TODOS (Toada de Portalegre – José Régio)

RUI AMADO

Em Portalegre, cidade
Do Alto Alentejo, cercada
De serras, ventos, penhascos, oliveiras e sobreiros
Morei numa casa velha,
velha grande tosca e bela
À qual quis como se fora
Feita para eu Morar nela...
Cheia dos maus e bons cheiros
Das casas que têm história,
Cheia da ténue, mas viva, obsidiante memória
De antigas gentes e traças,
Cheia de sol nas vidraças

E de escuro nos recantos,
Cheia de medo e sossego,
De silêncios e de espantos,
- Quis-lhe bem como se fora
Tão feita ao gosto de outrora
Como ao do meu aconchego.

VANDA ECM

Em Portalegre, cidade
Do Alto Alentejo, cercada
De montes e de oliveiras
Do vento suão queimada
(Lá vem o vento suão!,
Que enche o sono de pavores,
Faz febre, esfarela os ossos,
Dói nos peitos sufocados
E atira aos desesperados
A corda com que se enforcam
Na trave de algum desvão...)
Em Portalegre, dizia,
Cidade onde então sofria
Coisas que terei pudor
De contar seja a quem fôr,
Na tal casa tosca e bela
À qual quis como se fora
Feita para eu morar nela,
Tinha, então,
Por única diversão,
Uma pequena varanda
Diante de uma janela
Toda aberta ao sol que abrasa,
Ao frio que tolhe, gela
E ao vento que anda, desanda,
E sarabanda, e ciranda
Derredor da minha casa,
Em Portalegre, cidade
Do Alto Alentejo, cercada
De serras, ventos, penhascos oliveiras e sobreiros
Era uma bela varanda,
Naquela bela janela!

OLGA COVAL

Serras deitadas nas nuvens,
Vagas e azuis da distância,
Azuis, cinzentas, lilases,
Já roxas quando mais perto,
Campos verdes e Amarelos,
Salpicados de Oliveiras,
E que o frio, ao vir, despia,
Rasava, unia
Num mesmo ar de deserto
Ou de longínquas geleiras,

Céus que lá em cima, estrelados,
Boiando em lua, ou fechados
Nos seus turbilhões de trevas,
Pareciam engolir-me
Quando, fitando-os suspenso
Daquele silêncio imenso,
Eu sentia o chão a fugir-me,
- Se abriam diante dela
Daquela
Bela varanda
Daquela
Minha
Janela,
Em Portalegre, cidade
Do Alto Alentejo, cercada
De serras, ventos, penhascos, oliveiras e sobreiros
Na casa em que morei, velha,
Cheia dos maus e bons cheiros
Das casas que têm história,
Cheia da ténue, mas viva, obsidiante memória
De antigas gentes e traças,
Cheia de sol nas vidraças
E de escuro nos recantos,
Cheia de medo e sossego,
De silêncios e de espantos,
À qual quis como se fora
Tão feita ao gosto de outrora
Como ao do meu aconchego...

CATARINA MATOS

Ora agora,
Que havia o vento suão
Que enche o sono de pavores,
Faz febre, esfarela os ossos,
Dói nos peitos sufocados,
E atira aos desesperados
A corda com que se enforcam
Na trave de algum desvão,
Que havia o vento suão
De se lembrar de fazer?

Em Portalegre, dizia,
Cidade onde então sofria
Coisas que terei pudor
De contar seja a quem for,
Que havia o vento suão
De fazer,
Senão trazer
Àquela
Minha
Varanda
Daquela
Minha
Janela,
O testemunho maior

De que Deus
É protector
Dos seus
Que mais faz sofrer?

LURDES TELMO

Lá num craveiro, que eu tinha,
Onde uma cepa cansada
Mal dava cravos sem vida,
Poisou qualquer sementinha
Que o vento que anda, desanda,
E sarabanda, e ciranda,
Achara no ar perdida,
Errando entre terra e céus...,
E, louvado seja Deus!,
Eis que uma folha miudinha
Rompeu, cresceu, recortada,
Furando a cepa cansada
Que dava cravos sem vida
Naquela
Bela
Varanda
Daquela
Minha
Janela
Da tal casa tosca e bela
Á qual quis como se fora
Feita para eu morar nela...

Como é que o vento suão
Que enche o sono de pavores,
Faz febre, esfarela os ossos,
Dói nos peitos sufocados,
E atira aos desesperados
A corda com que se enforcam
Na trave de algum desvão,
Me trouxe a mim que, dizia,
Em Portalegre sofria
Coisas que terei pudor
De contar seja a quem for,
Me trouxe a mim essa esmola,
Esse pedido de paz
Dum Deus que fere ... e consola
Com o próprio mal que faz?

RUI AMADO

Coisas que terei pudor
De contar seja a quem for
Me davam então tal vida
Em Portalegre, cidade
Do Alto Alentejo, cercada
De serras, ventos, penhascos, oliveiras e sobreiros,
Me davam então tal vida

- Não vivida! sim morrida
No tédio e no desespero,
No espanto e na solidão,
Que a corda dos derradeiros
Desejos dos desgraçados
Por noites do vento suão
Já varias vezes tentara
Meus dedos verdes suados...
Senão quando o amor de Deus
Ao vento que anda, desanda,
E sarabanda, e ciranda,
Confia uma sementinha
Perdida entre terra e céus,
E o vento a trás à varanda
Daquela
Minha
Janela
Da tal casa tosca e bela
À qual quis como se fôra
Feita para eu morar nela!

VANDA ECM

Lá no craveiro que eu tinha,
Onde uma cepa cansada
Mal dava cravos sem vida,
Nasceu essa acàciazinha
Que depois foi transplantada
E cresceu; dom do meu Deus!,
Aos pés lá da estranha casa
Do largo do cemitério,
Frente aos ciprestes que em frente
Mostram os céus,
Como dedos apontados
De gigantes enterrados...
Quem desespera dos homens,
Se a alma lhe não secou,
A tudo transfere a esperança
Que a humanidade frustrou:
E é capaz de amar as plantas,
De esperar nos animais,
De humanizar coisas brutas,
E ter criancices tais,
Tais e tantas!
Que será bom ter pudor
De as contar seja a quem for!

OLGA COVAL

O amor, a amizade, e quantos
Sonhos de cristal sonhara,
Bens deste mundo! que o mundo
Me levara,
De tal maneira me tinham,

Ao fugir-me, Deixando só, nulo, atónito, A mim que tanto esperara
Ser fiel,
E forte,
E firme,
Que não era mais que morte
A vida que então vivia,
Auto-cadáver...

CATARINA MATOS

E era então que sucedia
Que em Portalegre, cidade
Do Alto Alentejo, cercada
De serras, ventos, penhascos, oliveiras e sobreiros
Aos pés lá da casa velha
Cheia dos maus e bons cheiros
Das casa que têm história,
Cheia da ténue, mas viva, obsidiante memória
De antigas gentes e traças,
Cheia de sol nas vidraças
E de escuro nos recantos,
Cheia de medo e sossego,
De silêncios e de espantos,
- A minha acácia crescia.

LURDES TELMO

Vento suão! obrigado...
Pela doce companhia
Que em teu hálito empestado
Sem eu sonhar, me chegava!
E a cada raminho novo
Que a tenra acácia deitava,
Será loucura!..., mas era
Uma alegria
Na longa e negra apatia
Daquela miséria extrema
Em que eu vivia,
E vivera,
Como se fizera um poema,
Ou se um filho me nascera.

V

VANDA ECM (Salto da Fé – Rosa Oliveira)

OLGA COVAL (Poema Sobre o Fim do Verão – Pedro Guilherme Moreira)

Lembro-me do meu corpo
devassado por poemas
que eu não te escrevi até
chegar o último fim de
tarde
e o tema de amor do

Morricone a tocar na
aparelhagem do banheiro
e os panos listados das
barracas no fim do verão e
os telediscos que te
dedicara ainda por montar
na câmara do meu pai,

revejo esta nossa cena
como a dos beijos do
cinema paradiso e as
lágrimas do velho Salvatore são minhas e o
universo todo e todas as
pessoas que estão a ler
este poema somos nós
era o ocaso perfeito e eu
pedira à minha mãe para
só chegar em cima da
hora do jantar para ter
tempo de te dizer o
que calara todo o verão,
por isso me lembro do
meu corpo devassado por
poemas que nunca te
disse

e em vez do tema de
amor do Morriconne
tenho uma corda ao
pescoço
duas voltas do
shostakovich
jazz suite nº 2
somos pássaros em fuga
tu cais quando em bando
rasávamos o lago negro

peço ao banheiro para
mudar para o obué do
Gabriel
outra vez o Morricone
a grandiloquência da vida
ele acha que eu não sou
capaz
três meses planos com o
calor dos velhos verões
tu com a coreografia
perfeita
na periferia das mãos
e eu nada
e agora o quê a duas horas
de acabar tudo?
Logo à noite vou repetir o
violino do Itzhak
que é sobre o fim de tudo,
também
sobre o fim de nós
sobre o não

acontecimento
universal,
foge,
sonhei que te levava a
correr
numa patrulha de neve
nós com os corpos
tapados
porque no verão a nudez e
o cheiro
a óleo de coco
e o sal suspenso nos teus
lábios
e as ruas de sentido
obrigatório
são abismos necessários,
armadilhas da superfície
animal mais os teus flic
flacs fatais
e o resto do repertório de
mulher da minha vida aqui
agora e para todo o
sempre,
nós ainda somos miúdos,
nós ainda temos todo o
tempo pela frente, tanto
tempo, tanto espaço

uma hora até o sol se pôr
que no universo todos nós
todos os dias das nossas vidas temos

uma hora até o sol se pôr
e o vestido dela desaparecer
e o verão acabar

CATARINA MATOS (As Amoras – Eugénio de Andrade)

O meu país sabe às amoras bravas
no verão.
Ninguém ignora que não é grande,
nem inteligente, nem elegante o meu país,
mas tem esta voz doce
de quem acorda cedo para cantar nas silvas.
Raramente falei do meu país, talvez
nem goste dele, mas quando um amigo
me traz amoras bravas
os seus muros parecem-me brancos,
reparo que também no meu país o céu é azul.

LURDES TELMO (Ford Coppola, Apocalypse Now – António Amaral Tavares)

This is the end cantavam as chamas de napalm
os helicópteros perseguiram os peões
em fuga e controlavam os rios.
Em Saigão estava-se tão perto da morte
Que já não se sabia estar perto
da sua ausência.
Nós tanto menos olhávamos
Para o amor quanto mais se afastava
e olhando para o presente que nos aprisionava
havia a rapariga loura que recolhia as garrafas de cerveja
vazias como ruínas que ninguém quer ver.
Para entregar outras
que espremidas as conversas até ao vão que éramos
apenas serviam para nos encher de silêncio as bexigas.
Mas ela própria mantinha o anonimato por detrás
da beleza que parecia a um toque explodir na noite.
Pela minha parte ainda larguei os charros
e as bebedeiras crónicas como quem acorda
conformado com a noiva recente e fria. De tudo
o resto nos perdemos mesmo uns dos outros
excepto dessa morte de que não sabíamos estar longe
e que nos intervalos de medo
ainda nos concedia uma carícia nocturna
nos olhos ou no sexo
e para nos livrar do calor suicida
uma ventoinha no tecto do quarto com o seu nome.
Bem vistas as coisas a nossa história começava pelo fim.
O resto do filme foi a sua explicação.

RUI AMADO (O Verão estala por todos os poros/Enfuna os teus seios – João José Cochofel)

O Verão estala por todos os poros
da casca das árvores,
da língua dos cães
das asas das cigarras,
do bico do peito das mulheres
tão acerado
que rasga o véu de calor
com um golpe preciso de lanceta

Enfuna os teus seios
azuis-camisola
na luz azul da manhã.

Azul o mar,
azul o céu,
azul-Itália a música da Albinoni

Azul psíquico
o meu gosto de ver e ouvir.

